

E assim, nas horas de aflições atrozes
Estranhas coisas vejo em pensamento
E escuto dentro de mim, soturnas vozes ...

De antigas vidas tenho amargas provas.
E ainda pressinto, para meu tormento,
Que hei de viver milhões de vidas novas.

PRIMEIRA PARTE

Após o segundo sinal, saímos do dormitório e descemos a escadaria rumo à capela. Era o início do ano letivo de 1968. Todas as alunas internas já se encontravam na Escola Normal, inclusive algumas novatas.

À entrada da Capela, nossa surpresa foi grande ao percebermos que o nosso capelão do ano anterior não estava e, em seu lugar, um padre bem moreno, de cabelos crespos, nos aguardava, sorridente.

O espanto foi geral. Muitas ficaram mesmo decepcionadas e algumas, as mais criancolas, puseram-se a rir. Ele riu também e cumprimentou algumas dizendo seus nomes. É que muitas conterrâneas suas, ali se encontravam.

Entramos e a Santa Missa teve início, num clima de insatisfação geral. E mais, ninguém cantou direito, ninguém rezou direito, exceto as Irmãs.

Depois da Missa, todas fomos ao refeitório e tomamos café rapidamente, para iniciarmos nossas aulas; as primeiras aulas do ano.

No refeitório, o assunto em pauta foi a troca de capelão. Muitas não se conformavam, porque adoravam o capelão do ano anterior. Outras, não toleravam o novo capelão, eram suas conterrâneas. Só mais tarde é que vim a saber de tal antipatia. O grupo das menores e as mais imaturas acharam o sacerdote fisicamente tão feio, que começaram a detestá-lo à primeira vista. Quanto a mim, achei desumana, infantil e ridícula a atitude das minhas colegas. Por quê julgar pelas aparências as pessoas? Em que mudaria o Rito Sagrado, sendo o sacerdote fisicamente feio? E o que mais me impressionou foi o fato de moças do terceiro ano Normal, quase professoras, filhas de famílias distintas e até parentes de freiras, se portarem tão mesquinamente.

Estávamos ainda no refeitório, naquele clima tão ausente de caridade,

quando ali surgiu o novo capelão. (O antigo nunca visitara nosso refeitório). A indignação das minhas colegas chegou ao auge. E todas resmungaram, riram baixinho e comentaram qualquer coisa entredentes.

— Bom dia, bom dia! Como vai D. Maria?

— Bom dia — umas quatro de nós apenas, responderam.

— Tantas meninas! Quantas vocês são?

— Noventa e seis — respondeu a Irmã assistente aproximando-se dele, pois havia notado a hostilidade das meninas.

Conversaram um pouquinho, ele e a Irmã, e depois disse:

— Até logo! Estudem bastante!

Sorriu e saiu.

Todas ficaram caladas. O silêncio que se seguiu foi um desses silêncios pesados, impregnados de mal-estar, de consciência pesada, de clima desagradável.

De repente, uma das minhas amigas de internato, a mais ousada, levantou-se e disse:

— Que exagero, gente! O que fez o coitado do Padre para ser tratado assim?

Quase todas vaiaram.

— Podem vaiar! — gritou minha amiga. Onde está a caridade de vocês? Que falta de maturidade!

Nesse momento, soou o sinal para o início das aulas. Em silêncio saímos do refeitório e seguimos para nossas classes.

Iniciava eu o meu segundo ano Normal. O entusiasmo, a vontade de vencer, a alegria de viver, a sede de conquistar a crista da intelectualidade faziam de mim u'a menina muito responsável e compenetrada.

Nossa primeira aula foi de Português. A mesma professora do ano passado, Irmã Antônia, entrou sorrindo vermelhinha, como sempre, e deu-nos as boas-vindas. Conversamos um pouco. Logo que o silêncio voltou a reinar Irmã Antônia perguntou:

— Alguém aí se lembra de um ditado que eu disse a vocês, várias vezes, durante o ano passado?

Irmã Antônia quando se dirigia a nós, sorria sempre mesmo quando estava zangada, e seus olhos verdes, de um verde escuro e profundo, penetravam pela alma adentro.

Levantei a mão.